

Texto da autoria do  
Tenente-Coronel de Cavalaria Manuel Maria Pereira Coutinho Correia de Freitas  
Comandante do Batalhão de Cavalaria 705  
In Revista da Cavalaria do ano de 1966, páginas 270 a 275

## O Batalhão de Cavalaria 705 na Guiné (CAVALEIROS MARINHOS)



Foi esta Unidade mobilizada pelo Regimento de Cavalaria 7 e depois do período normal de instrução embarcou no N/M «Benguela» [18 de Julho de 1964] transformado em transporte de tropas, tendo chegado a Bissau alguns dias depois [23 de Julho de 1964].

Foi dada ao Batalhão a missão de actuar como Unidade de intervenção em reserva do Comando Chefe. Podemos dizer que consideramos esta uma das missões mais «espinhosas» atribuídas a uma Unidade. Actua onde a sua intervenção é mais necessária, num determinado ponto, num meio e num terreno completamente desconhecido, a maioria das vezes em colaboração com Unidades e sob Comandos com quem nunca teve contactos. A zona de actuação é a mais variada possível e longe ou perto da sua base o que obriga a transportes e deslocações muitas vezes bastante longas. Isso traz um desgaste muito grande para o pessoal, quer físico quer moral, o que seria em parte compensado se a Unidade tivesse umas instalações permanentes com o mínimo de condições para a vida de um Batalhão.

Apesar de todos estes condicionamentos e ainda da influência do clima a que quase ninguém estava habituado, o Batalhão actuou de forma a tirar um bom rendimento.

É de toda a justiça realçar que este resultado se deve em parte à categoria dos quadros, principalmente aos Capitães.

Antes de entrar na parte operacional do Batalhão vamos fazer também algumas considerações sobre o Comando de forças em operações ao escalão Batalhão e Companhias, mais com o carácter de informação que com qualquer outra ideia.

Podemos, assim, considerar duas hipóteses, segundo o efectivo dessas tropas. Se é pequeno, ao escalão Companhia, o Comando deve deslocar-se junto das tropas, onde tenha contacto directo com o terreno e com o pessoal. A sua presença é muito vantajosa sob o ponto de vista operacional e moral e pode mesmo dizer-se que é indispensável para comandar com eficiência.

Durante o deslocamento para o objectivo o Comandante desloca-se normalmente junto dos homens da frente. É ele, como é natural, que toma todas as decisões, embora haja dispositivos de «reacção» que devem ser imediatamente tomados, independentemente de qualquer ordem, visto não haver tempo para isso.

Sempre que possível deve ser montada a segurança dos flancos durante o deslocamento. O Comandante deve ter grande presença de espírito e decisões rápidas, pois à vista do objectivo não há tempo para reconhecimento e a actuação tem que ser imediata.

Sempre que possível, apesar de tudo, devem estas operações ser acompanhadas por um PCA, prevendo a hipótese de orientação no terreno, necessidade de reforços, evacuações, etc.

Se o efectivo é superior a três ou mais Companhias, então já o Comando não deve ir a acompanhar as tropas. A zona de acção e o efectivo empenhado são grandes e só por intermédio do avião é possível dirigir as Operações. Há, pois, necessidade absoluta da existência de um PCA. Este funciona normalmente com o Comandante do Batalhão ou Oficial de Operações ou com os dois conjuntamente quando as Operações não são muito demoradas.

Escusado será frisar a importância primordial que o PCA tem, não só na condição das operações, como também na moral das tropas.

Os Comandantes das Companhias devem receber instruções para que, quando o avião não esteja no ar, resolvam de sua iniciativa qualquer dificuldade encontrada de maneira que a missão seja cumprida.



Terminadas estas considerações, passemos agora à parte operacional propriamente dita.

Foi resolvido e em boa hora, que as Companhias após o desembarque tivessem uma instrução de tiro de carreira, para adaptação às armas aqui distribuídas.

Foi resolvido também, e isto foi da maior importância para o futuro do Batalhão, que tivessem uma instrução de adaptação junto de Unidades já com experiência de combate, medida esta que muito veio beneficiar o rendimento operacional das Companhias.

Podemos, contudo, considerar esta instrução como uma Operação, já porque se realizou numa zona onde havia inimigos, já pela natureza da instrução que pôs o pessoal em presença de casos reais e em que algumas vezes actuaram as Companhias sem qualquer apoio.

Cada Companhia teve esta instrução por um período de cerca de 10 dias.

Terminado este, ficaram as Companhias aptas a desempenhar a sua missão e de tal maneira ele foi útil que até agora, apesar do Batalhão ter tomado parte em 27 operações, só tivemos um homem morto em combate além de feridos diversos. As Companhias realizaram uma média de 9,7 e 9,9

operações, respectivamente para a Companhia de Cavalaria 704, Companhia de Cavalaria 703, Companhia de Cavalaria 702 e Companhia de Comando e Serviços. Todas estas operações se efectuaram em terrenos diferentes, umas em florestas e outras em bolanhas, umas de noite, outras de dia, umas obrigando a deslocações em barco e desembarques, outras a deslocações em viaturas, umas com o apoio da aviação, outras sem ele. Se bem que algumas tivessem a duração de um dia, outras houve com a duração de vários dias.

Nestas diversas Operações foram algumas vezes ocupadas determinadas zonas, noutras realizados alguns golpes de mão.

As Companhias actuaram algumas vezes isoladas, outras ainda, reunidas, não só umas com as outras, como também com Unidades de outros Batalhões.

Em todas elas se obtiveram resultados muito satisfatórios e em todas, as Unidades cumpriram a missão que lhes foi imposta.

Algumas vezes contou-se com a cooperação dos fuzileiros navais e dos grupos dos comandos o que mostrou o bom entendimento existente entre tropas de armas diferentes.

Em algumas das Operações atrás indicadas foi notada a presença de oficiais do Comando, Comandante, 2.º Comandante, Oficial de Operações, Capelão, etc.

A presença destes oficiais, além de contribuir para o bom moral das tropas permitiu ainda que os órgãos do Comando possam ver *in loco* as dificuldades e a actuação do seu pessoal.



Passaremos agora a relatar algumas destas Operações escolhidas ao acaso e a que nos foi dado assistir. Começaremos por um golpe de mão a um acampamento inimigo.

Iniciou-se esta Operação com a preparação da Companhia, como aliás é normal fazer-se para todas, isto é a distribuição de munições, de rações de combate, revista ao armamento e equipamento, etc.

Esta preparação teve início ao cair da tarde, de modo que ao anoitecer a Companhia deslocou-se em viaturas para um local afastado da base um bom par de quilómetros. Chegados aí, cerca das 22H00 deixámos as viaturas e iniciámos a marcha a pé, tendo tomado a formação em coluna por um, por a natureza do terreno nos obrigar a isso. Atravessámos bolanhas, campos de capim, florestas e só pelo amanhecer nos aproximámos do objectivo.

Durante a noite e a meio do caminho, ao atravessar uma floresta, fomos surpreendidos por bando de macacos «cães» que nos deu a sensação de estarmos numa tabanca e que eram os cães a dar sinal. Também pensámos ter sido surpreendidos e estarmos perto de algum acampamento inimigo.

Isso não sucedeu e continuámos a marcha. Um pouco mais à frente, no silêncio da noite, ouviu-se, de repente, uma rajada de PM [Pistola Metralhadora]. Como reacção natural todos nos deitámos ao chão e os homens da frente reagiram imediatamente, fazendo fogo e deslocando-se para os flancos tentando o envolvimento do inimigo. Este retirou rapidamente e não se deixou apanhar. Infelizmente, o nosso guia foi atingido com um tiro na cabeça e teve morte instantânea. Prosseguimos a marcha com os cuidados redobrados e andámos até de manhã sem que tivéssemos mais algum contacto. De madrugada apareceu um avião PCA que nos orientou no caminho a seguir para o objectivo, o qual já se encontrava bastante perto. Quando procurávamos o acampamento no

meio da mata, visto eles estarem normalmente bem escondidos, fomos surpreendidos por uns tiros. Que se tinha passado? Um pouco à nossa frente os homens da vanguarda encontraram uma metralhadora em posição, com a sua guarnição, mas apontada na direcção contrária de onde vínhamos. Por precipitação de um dos nossos que fez logo fogo, o inimigo fugiu mas abandonou a arma.



Deduzimos que o acampamento estaria nas «costas» da MP e voltámos para trás. Assim foi e pouco depois encontrámos um grande acampamento que tinha vestígios de ter sido abandonado há pouco e onde havia muito material. O acampamento foi destruído, o material apreendido e iniciou-se o regresso. Como naquela zona havia outras Companhias em Operações, daí a justificação da MP estar voltada ao «contrário». Combinou-se um ponto de encontro para reunião das três Companhias. Como a floresta era muito densa e a dificuldade de, pelos rádios se fazer a orientação das Companhias, houve necessidade de se recorrer ao lançamento de granadas de fumo. Seriam umas 1400 quando nos reunimos e em que parámos pela primeira vez, depois do início da marcha às 22H00 do dia anterior. Era altura de comer alguma coisa e ainda mal tínhamos começado, quando fomos flagelados por uns tiros do inimigo que se tinha aproximado. Felizmente a guarda que estava montada deu «conta do recado» e assim pudemos «almoçar» uma bucha e o respectivo acompanhamento. Entretanto, por ter adoecido uma praça, houve necessidade de se fazer uma evacuação, para o que foi pedido o helicóptero. Montada a respectiva segurança, um pouco afastada do local onde nos encontrávamos e feita a evacuação iniciou-se o regresso ao local onde estavam as viaturas. Demos instruções aos guias para não voltarmos pelo

mesmo caminho, pois contávamos com emboscadas várias visto a zona ser «perigosa».

Porém, estes enganaram-se e foi exactamente pelo mesmo caminho que voltámos. Quanto diferente é a floresta de noite e de dia! Porém, contra o que esperávamos não houve nenhum contacto com o inimigo e o regresso fez-se sem novidade. Chegámos cerca das 19H00. Quase vinte horas a andar só com uma pequena paragem para o almoço. Contudo, apesar de fatigados, como é natural, todos vinham bem dispostos pelos resultados obtidos e pela esperança de um descanso bem merecido. Assim terminou mais uma Operação - um golpe de mão - a um acampamento, igual a tantas outras já feitas e tantas outras ainda por fazer.

Uma outra Operação de características diversas foi a ocupação de uma posição, para limpeza de um determinado local. Esta Operação teve a colaboração das Forças Navais e mostrou mais uma vez a boa cooperação existente entre as duas Armas.



Embarcámos em três LDM visto que se tratava de um efectivo grande e de uma estadia por um período largo. O embarque fez-se ao entardecer para aproveitar a maré, o que aqui na Guiné tem sempre de ser levado em consideração, dado o grande desnível das águas. Depois de uma viagem que durou toda a noite e parte da manhã do dia seguinte e em que durante o percurso fomos flagelados por fogo de espingarda metralhadora, apesar de irmos comboiados por uma vedeta da Marinha de Guerra, chegámos ao local de desembarque. Sabíamos que tínhamos um Grupo de Combate à nossa frente, que por terra tinha ido ocupar uma posição para cortar qualquer emboscada que nos estivesse preparada. Começou o desembarque com as precauções habituais e a pouco e pouco fomos aproximando do objectivo que estava a cerca de 1 km deste local. O capim era de tal maneira alto que praticamente nada se via e atingido o objectivo houve necessidade de lhe lançar fogo, não só para preparar os campos de tiro, como também para evitar qualquer surpresa da parte do inimigo que poderia ter essa ideia antes de nós o que nos colocava numa situação difícil. Feitos estes trabalhos preliminares e mais urgentes e com a ajuda do Grupo de Combate que se nos tinha reunido, começaram os trabalhos de organização do terreno, colocação de arame farpado, abrigos, instalações das armas, etc. O pessoal de tal maneira se houve nestes trabalhos que no dia seguinte

quando os Oficiais da Marinha que comandavam as lanchas nos foram visitar não queriam crer que tudo tivesse sido feito por nós em tão pouco tempo. Já havia uma cerca de arame farpado e a maioria dos abrigos já estavam feitos, embora rudimentarmente. Durante a primeira noite que aí passámos, estivemos todos na expectativa e à espera de um ataque que só não se deu por o Comando do Sector ter mandado emboscar uma força entre o acampamento inimigo e o nosso e que «apanhou» o inimigo quando se dirigia para o nosso campo.

Durante os restantes dias foram-se melhorando a pouco e pouco as instalações defensivas e ao mesmo tempo patrulhando a zona onde nos encontrávamos a fim de garantir a posse da posição como nos tinha sido determinado e cumprir assim a nossa missão. Ao 3.º dia de estadia estávamos aptos a repelir qualquer ataque inimigo. Contudo, mercê das medidas tomadas pelo Comandante do Batalhão do Sector e devido à permanência durante a noite da tal força emboscada entre as Nossas Tropas e o inimigo nunca se deu nenhum ataque,

o que viria a acontecer dois dias depois de termos abandonado o Destacamento e que nos produziu um morto e quatro feridos, mas tendo nós provocado algumas baixas ao inimigo.

A título de curiosidade podemos ainda dizer que a quantidade de material para a instalação de uma Companhia é incalculável e só quem anda nestas «andanças» poderá fazer uma pequena ideia. Assim, além das munições e géneros de alimentação para 15 dias, que era o que levávamos e já não era pouco, tivemos que contar com o material para a confecção do rancho e material de defesa, ferramentas, arame farpado, material sanitário e mil e uma coisas que nestas alturas sempre aparecem e que de momento não nos lembramos, mas que se tornam indispensáveis na instalação de uma tropa.

A traços largos, procurámos dar a todos os camaradas uma ideia do que foi a actuação do Batalhão durante 6 meses de estadia na Guiné. Se multiplicarem por 25 uma destas descrições e se juntarem os patrulhamentos (que muitas vezes são quase uma Operação), serviço de escoltas, serviço de guarnição, etc., etc., pensamos que ficarão a fazer uma pequena ideia do esforço exigido a um Batalhão de intervenção durante 1/4 do tempo da sua comissão.

Tenente-Coronel CORREIA DE FREITAS

-----

Nota da equipa do UTW:

Batalhão de Cavalaria 705 e respectivas subunidades (CCS, CCav702, CCav703 e CCav704), conhecidos por «CAVALEIROS MARINHOS», in Jornal do Exército n.º 99, de Julho de 1967, página 8:

[...]  
*Já então os homens desta Unidade se haviam prestigiado pelo seu esforço e comportamento, e eram conhecidos pelos CAVALEIROS MARINHOS, devido à série de operações anfíbias em que tinham participado.*

[...]

-----

## Louvores Colectivos:

### BATALHÃO DE CAVALARIA N.º 705

*(Ordem de Serviço n.º 57, de 11 de Maio de 1966, do Comando de Agrupamento 24)*

Louvo o Comando do Batalhão de Cavalaria n.º 705 pela forma proficiente e a todos os títulos exemplar como organizou e accionou os diversos serviços que se processaram ou correram através dele.

Comando em que todos os seus órgãos revelaram o melhor interesse no exercício das suas funções específicas, a que cabalmente satisfizeram, constituiu um todo homogéneo à altura da missão recebida não obstante a complexidade inerente ao grande número de subunidades a orientar, accionar e a controlar, o que lhe mereceu encómos e o testemunho da sua eficiência por parte das diferentes Chefias e Comandos das Armas do Comando Territorial Independente da Guiné, e foi motivo para receber, no campo social, a solidariedade das autoridades administrativas, e o agradecimento e consagração por parte das populações e autoridades nativas, pela assistência moral, religiosa, sanitária, educativa e económica prestadas, em reconhecimento da protecção que sempre lhes foi garantida.

Comando que concebeu e impulsionou uma actividade operacional a todos os títulos notável, perseguindo o inimigo e impedindo-lhe sua fixação no sector, em tudo fez aflorar a qualidade dos seus oficiais, sargentos e praças havendo-se de dar relevo muito justamente à pessoa do seu Comandante, Tenente-Coronel de Cavalaria, Manuel Maria Pereira Coutinho Correia de Freitas, oficial com dotes excepcionais de Comando, que conseguiu galvanizar à sua volta compenetradas vontades e o melhor espírito de cooperação dos seus subordinados no que constituíram um todo digno de apreço e de muita simpatia, marcando uma presença exemplar na Guiné que me apraz referir e apontar à consideração das Unidades do Sector Leste.

*(in Revista da Cavalaria do ano de 1966, páginas 173 e 174)*

## COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 702

Considerado como tendo sido dado por Sua Ex.<sup>a</sup> o Brigadeiro Comandante Militar

*(n.º 4 do artigo 4.º da Ordem de Serviço n.º 23, de 19 de Março de 1965,  
do Comando Territorial Independente da Guiné)*

Companhia de Cavalaria n.º 702, louvada pelo Exm.º Comandante do Agrupamento n.º 17, pela maneira exemplar como se desempenhou nas missões ofensivas de que foi incumbida no Subsector do Batalhão de Caçadores n.º 513 durante os períodos de 14 a 28 de Dezembro e de 18 de Janeiro a 19 de Fevereiro.

Tendo tomado parte nas operações «Espora», «Estribo» e «Selim», no primeiro período referido e nas operações «Garrote», «Papaia», «Toupeira» e «Gira», no segundo período, em todas as operações revelou a sua boa preparação para o combate e espírito de corpo, comportando-se por forma a merecer o apreço do Comando de Agrupamento e do Batalhão em proveito do qual actuou.

Realça-se a acção da Companhia na região de Unal, que percorreu em todas as direcções, numa perfeita demonstração de entusiasmo e consciência pelo cumprimento da missão.

Na região de Bantael Silá, depois de ter efectuado quase totalmente o percurso que lhe foi fixado, recebeu nova missão pelo imperativo da situação criada pelo inimigo, tendo, mais uma vez, a Companhia oportunidade de confirmar a sua boa preparação e o seu entusiasmo e determinação numa acção muito eficiente e digna de nota, naquela área.

*(in Revista da Cavalaria do ano de 1965, página 153)*

## COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 702

*(Ordem de Serviço n.º 107, de 6 de Maio de 1966, do Comandante Militar da Guiné)*

Louvo a Companhia de Cavalaria n.º 702, porque quer durante o período em que actuou como força de intervenção em reserva do Comando-Chefe, quer durante o período em que actuou como força em Sector, mostrou ser uma Companhia de uma grande regularidade operacional.

Graças a preparação que lhe foi imposta pelo seu Comandante com a colaboração dos seus subalternos foi possível conseguir contar por êxitos as acções em que tomou parte. Tendo ocupado uma área vasta, ainda com um destacamento bastante afastado, em que durante a época das chuvas se tornou difícil o reabastecimento nunca a Companhia de Cavalaria 702 apesar disso deixou de explorar imediatamente qualquer informação que chegasse ao seu conhecimento, conseguindo assim que o inimigo não se fixasse no seu Sector e conquistar a confiança da população.

É pois digna de realce a actuação da Companhia de Cavalaria 702.

Durante a sua actuação na Província da Guiné pode ser apontada como uma boa Companhia com a qual o Comando sempre pôde contar.

*(in Revista da Cavalaria, do ano de 1966, página 178)*